

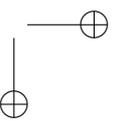
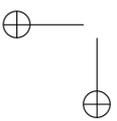
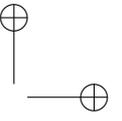
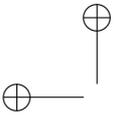
PROSLOGION
seu
Alloquium de Dei existentia

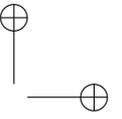
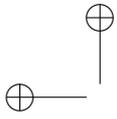


Santo Anselmo

Tradutor:
José Rosa

www.lusosofia.net





LUSOSofia:PRESS

FICHA TÉCNICA

Título: *Proslogion seu Alloquium de Dei existentia*

Autor: Santo Anselmo

Tradutor: José Rosa

Colecção: Textos Clássicos de Filosofia

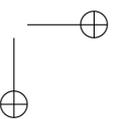
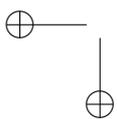
Direcção: José Rosa & Artur Morão

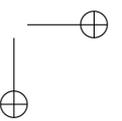
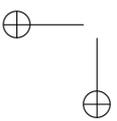
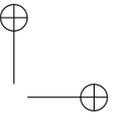
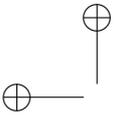
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

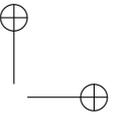
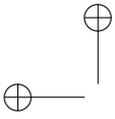
Paginação: José Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2008



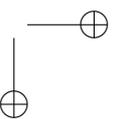
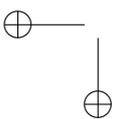


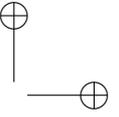
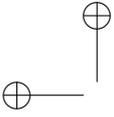


Apresentação

O *Proslogion* é, sem dúvida, o escrito mais famoso de Santo Anselmo (n. 1033, em Aosta, Piemonte – m. 1109, Cantuária) e um dos textos filosóficos mais revisitados do pensamento ocidental. Nele, a partir de uma noção de Deus presente ao intelecto – “aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado” (*id quo maius cogitari non possit*) – formula o autor um férreo argumento lógico a favor da existência de Deus na realidade (*in re*) e não apenas na mente (*in mente*). Alguns, com algum exagero mas não sem uma ponta de razão, chegam a dizer que, depois de Santo Anselmo, a história da filosofia se divide entre aqueles que aceitam a validade do argumento e aqueles que lha negam – e a verdade é que ele divide, de facto, alguns dos maiores pensadores: Boaventura (1221-1274) aceita-o como válido; São Tomás de Aquino nega a sua validade; Descartes, Leibniz e Hegel aceitam-no; Kant rejeita-o porque a *existência não é um predicado demonstrável*, mas sempre o suposto de toda a predicação (*KrV*, A 592-602) e apoda-o de “argumento ontológico” precisamente porque pretende deduzir da existência de Deus *in mente* a existência de Deus *in re*. E continua a ser ainda hoje um dos argumentos mais revisitados e debatidos em sede da Filosofia Analítica da religião (cf. A.J. Ayer, J. Findlay, C. Hartshorne, A. Plantiga, J.L. Mackie, *et alii*).

Escrito num latim sintético, cortante, lapidado como um diamante, oscila entre um ímpeto religioso e místico todo fogo (*vide* capítulos I, IX, XIV, XV, XVIII, XXVI) e a formulação lógica clara, curta, concisa, no estrito respeito dos princípios lógicos (v.g., capítulos II, II, IV). Nele, *Proslogion*, Anselmo supera o conflito Fé – Razão que, fi-

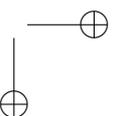
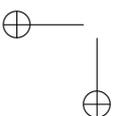


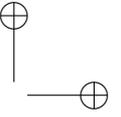


losófica e teologicamente, separa muitos dos espíritos do séc. XI: por um lado, os dialéctios (v.g., Anselmo de Besate, Berengário de Tours, ...), exclusivamente amparados na razão argumentativa, defendem que todas as fórmulas de fé devem ser ou reconduzidas à razão silogística ou rejeitadas; por outro, no pólo oposto, os anti-dialécticos (Otloh de Sankt-Emmeram, Magénold de Lautenbach e sobretudo Pedro Damiano) rejeitam qualquer intromissão da razão na explicitação dos conteúdos da fé (*fides quae*). A Filosofia é apenas uma “Serva da Teologia” (*philosophia serva theologiae*) e como tal deve ser tratada.

Contra o racionalismo estéril dos dialécticos e o fideísmo irracional dos anti-dialéctico, atitudes diametralmente contrárias mas que se reforçam mutuamente no cavar e aprofundar a mesma cisão, Anselmo, leitor atento e assíduo de Santo Agostinho, forja a fórmula maior que sintetiza todo o seu pensamento: *fides quaerens intellectum*, “a fé à procura da inteligência”.

Assim, e acolhendo os instantes pedidos dos irmãos monges que lhe pedem ajuda para encontrar razões da fé que não precisem dos argumentos da Autoridade ou da Escritura, acontece a Anselmo começar a pensar na possibilidade de encontrar um único argumento para demonstrar a existência de Deus (método contrário àquele que seguira na sua anterior obra *Monologion*, onde seguira a concatenação de vários argumentos, mormente a dita *via cosmológica*, i.e, chegar Deus através dos efeitos na criação, antecipando o que São Tomás apurará nas célebres *Quinque Viae*). Começa, pois, por tentar dilucidar a primeira das afirmações do *Credo*, a existência de Deus (*Credo in Deum...*). Arriado na Escritura, “se não acreditardes não compreenderéis” (Is 7, 9), e em Agostinho de Hipona (*crede ut intelligas, intellige ut credas*), Anselmo faz tudo por fomentar uma atitude *inter-rogante*, i.e., uma atitude que ora interrogando e que interroga orando, fecundado assim o trabalho da inteligência com a *fides qua*, ou seja, como a disponibilidade cordial para acreditar. Com efeito, Anselmo está seguro de que, se não acreditar, não compreenderá. O acto de dar crédito desloqueia certas faculdades de compreensão que a atitude suspicaz atrofia e nunca permite que desabrochem. A crença é também um órgão de conhecimento.

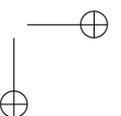
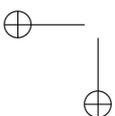


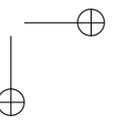
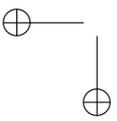
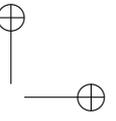
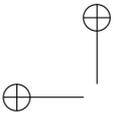


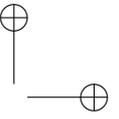
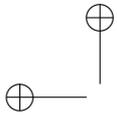
Mas isto não o exime, muito pelo contrário, de ter de passar pelo “duro trabalho do conceito” e de se inscrever sob o signo da argumentação lógica e racional.

É neste clima orante e filosofante que, um dia, ao meditar no coro, aquilo que tanto o afadigava se lhe ofereceu (*se obtulit*) ao espírito sedento de luz e de compreensão: ‘Deus é aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado’. É por isso que, e ao contrário do que afirma E. Gilson (*La Philosophie au Moyen Âge*, Payot, Paris, 1947, p. 246), que “esta demonstração da existência de Deus é o triunfo da dialéctica pura operando sobre uma definição”, consideramos a noção de Deus presente no intelecto (*id quo maius cogitari non possit*), menos o resultado de um esforço definitório, que a expressão de uma “doação originária”, de uma “intuição intelectual” (porque, pese embora a um certo Kant *et alii*, há ‘intuição intelectual’!). Pois também aqui, parece-nos, e não apenas no âmbito da fé, vale o princípio de que o acto do espírito *non terminatur ad enuntiabilem, sed ad rem*.

José M. S. Rosa







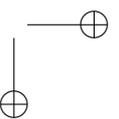
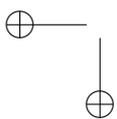
Proslogion
seu
Alloquium de Dei existentia

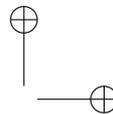
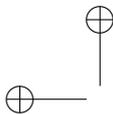
Santo Anselmo

PREÂMBULO

Depois de ter publicado, sob instantes rogos de alguns irmãos, um opúsculo <*Monologion*> como exemplo de uma meditação sobre a razão da fé, em nome daquele que raciocina em silêncio consigo próprio e investiga o que desconhece: considerando que esse <opúsculo> era composto pela concatenação de múltiplos argumentos, comecei a perguntar a mim próprio se, por acaso, poderia encontrar-se um único argumento que não necessitasse de nenhum outro para se demonstrar, e que bastasse por si mesmo para garantir que Deus existe verdadeiramente, que ele é o Sumo Bem, sem nada de outra coisa precisar, do qual todas as coisas têm necessidade para existir, e bem existir, em suma, tudo o que nós acreditamos da substância divina.

Inúmeras vezes, ardorosamente, voltei o meu pensamento para isto. E o que procurava, às vezes, parecia-me poder ser já captado, outras vezes fugia completamente ao olhar da mente. Desesperando, enfim, quis desistir como se <se tratasse> de investigar algo impossível de alcançar. Mas então que eu queria absolutamente excluir de mim este pensamento, receando que ele ocupasse futilmente a minha mente, impedindo-me de outras ocupações onde pudesse progredir, eis que ele





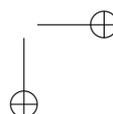
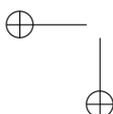
começou, com alguma importunidade, a impor-se-me mais e mais, mau grado a minha rejeição e interdição. E certo dia, enquanto me cansava em resistir com veemência à sua importunidade, aquilo de que eu desesperara ofereceu-se-me <se obtulit> de tal forma no próprio conflito dos meus pensamentos, que abracei com ardor o pensamento que antes, perturbado, repelia.

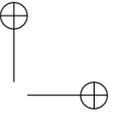
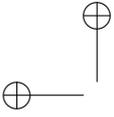
Considerando então que aquilo que com gáudio encontrara poderia, se fosse escrito, agradar a algum leitor, escrevi o presente opúsculo sobre este mesmo assunto e alguns outros, em nome daquela pessoa que se esforça por elevar o seu espírito à contemplação de Deus e procura compreender o que crê. Julguei, por outro lado, que nem este opúsculo nem o outro que supra recordei <Monologion> são dignos do nome de livro, nem <tão-pouco> de serem precedidos do nome do autor. Todavia, pensando que eles não deviam ser difundidos sem qualquer título que, de algum modo, convidasse à sua leitura aqueles a cujas mãos fossem ter, dei a cada um seu título. Ao primeiro: *Exemplum meditandi de ratione fidei* <Exemplo de meditação sobre a razão da fé>, e ao seguinte: *Fides quaerens intellectum* <A fé em busca de inteligência>. Mas tendo sido, um e outro, já transcritos por muitas pessoas, várias delas – sobretudo o reverendo Arcebispo de Lyon, Hugo, legado apostólico na Gália, que mo ordenou em virtude da sua autoridade apostólica – obrigaram-me a escrever neles o meu nome. Para que isto fosse feito convenientemente, nomeei aquele *Monologion*, isto é, solilóquio; e este *Proslogion*, isto é, alóquio.

Capítulo I

Despertar do espírito para a contemplação de Deus

E agora, ó homenzinho, fuge um momento às tuas ocupações, esconde-te um pouco dos teus pensamentos tumultuosos. Atira fora agora os teus pesados cuidados e deixa para depois os teus laboriosos trabalhos. Reserva um pouco de tempo para Deus e repousa n'ele por instantes.





“Entra na cela” da tua alma, expulsa tudo, excepto Deus e o que te ajuda a procurá-lo; “fechada a porta”, procura-o!¹ Diz agora, “ó meu coração” todo, diz agora a Deus: “Busco o teu rosto, O teu rosto, Senhor, eu procuro.”²

E agora, pois, tu Senhor meu Deus, ensina o meu coração onde e como te procurar, onde e como te encontrar. Ó Senhor, se tu não estás aqui, onde te buscarei, ausente? E se tu estás em toda a parte, porque não te vejo eu presente? Mas certamente tu habitas “a luz inacessível”³. E onde está a tal luz inacessível? Ou de que modo acederei a essa luz inacessível? Ou quem me conduzirá e introduzirá nela, para que nela te veja? Por que sinais, enfim, por que forma, te buscarei? Nunca te vi, Senhor meu Deus, não conheço a tua face. Que fará, Senhor altíssimo, que fará este teu longínquo exilado? Que fará o teu servidor, ansioso do teu amor e atirado para longe “da tua face”?⁴ Deseja muito ver-te, mas a tua face está demasiadamente afastada dele. Deseja muito alcançar-te, mas inacessível é a tua habitação. Deseja vivamente encontrar-te, mas não sabe o teu lugar. Dispõe-se a procurar-te, mas ignora o teu rosto. Senhor, tu és o meu Deus, tu és o meu Senhor, e nunca te vi! Tu me criaste e recriaste, e todos os meus bens me dispensaste e ainda não te conheço! Numa palavra: fui feito para te ver e ainda não fiz aquilo para que fui feito.

Ó mísera sorte a do homem desde que perdeu aquilo para que foi feito! Ó dura queda e funesta aquela! Ai! o que perdeu e o que encontrou <o homem>? O que lhe fugiu e o que lhe restou? Perdeu a felicidade para a qual foi feito e encontrou a miséria para que não foi feito. Fugiu-lhe aquilo sem o qual é de todo infeliz e ficou aquilo que, por si, é apenas desprezível. Então, “o homem comia o pão dos anjos” de que agora tem fome⁵; agora, come “o pão das dores” que então des-

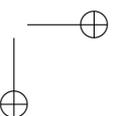
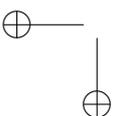
¹ Mt 6, 6

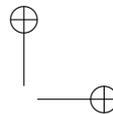
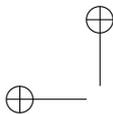
² Sl 26, 8

³ 1 Tm 6, 16

⁴ Sl 50, 13

⁵ Sl 77, 25





conhecia⁶. Ai! luto comum dos homens, pranto universal dos filhos de Adão! Ele arrotava de saciedade e nós suspiramos de fome. Ele vivia na abundância e nós mendigamos. Ele tinha em plena felicidade e, miseravelmente, abandonou; nós, infelizmente, carecemos e, miseravelmente, desejamos; e, ai!, quão vazios permanecemos. Por que não guardou <Adão>, para nós, quando o podia facilmente, aquilo de que nos encontramos tão gravemente carentes? Por que nos ocultou assim a luz e nos lançou nas trevas? Sim, por que nos furtou a vida e infligiu a morte? Acabrunhados de penas, de onde fomos expulsos e para onde fomos atirados! De onde fomos precipitados e onde estamos atascados! Da terra natal para o exílio, da visão de Deus para a nossa cegueira. Da juncundidade da imortalidade para a amargura e o horror da morte. Ó desgraçada mudança! De tão grande bem para tão grande mal! Grave dano, grave dor, grave tudo!

Mas, ai!, infeliz de mim!, um entre os outros exilados filhos de Eva afastados de Deus, que empreendi e que consegui acabar? Para onde tendia e aonde cheguei? A que aspirava e em que situação suspiro? “Procuerei os bens e eis a perturbação!”⁷ Tendia para Deus e caí sobre mim mesmo. Procurava o repouso no meu retiro e “encontrei a tribulação e a dor” no meu íntimo. Queria rir com a alegria da minha mente e sou forçado a rugir “pelo gemido do meu coração”. Esperava a alegria e eis que os suspiros se tornam mais densos.⁸

E “tu, Senhor, até quando? Até quando, Senhor, tu nos esquecerás? Até quando afastarás de nós a tua face?”⁹ Quando nos olharás e nos ouvirás? Quando iluminarás os nossos olhos e nos mostrarás “a tua face?” Quando te oferecerás a nós?¹⁰ Olha-nos, Senhor, escuta-nos, ilumina-nos, mostra-te tu próprio a nós! Oferece-te a nós outra vez para que bem estejamos, nós que, sem ti, tão mal estamos. Tem piedade dos nossos trabalhos e dos nossos esforços para te alcançar,

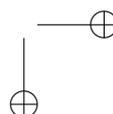
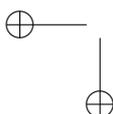
⁶ SI 126, 2

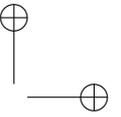
⁷ SI 121, 9

⁸ SI 37, 9; 114, 3; Jr 14, 19

⁹ SI 6, 4; 12, 1

¹⁰ SI 79, 4.8





nós que nada somos capazes sem ti. <Já que> nos convidas, “ajuda-nos”. Que eu não desespere suspirando, suplico-te, Senhor, mas que respire esperando. O meu coração tornou-se amargo pela sua desolação. Suplico-te, Senhor: adoça-o com a tua consolação. Na minha fome comecei a procurar-te. Suplico-te, Senhor: que eu não acabe em jejum de ti. Faminto, aproximei-me: que eu não me vá embora insaciado. Pobre, vim ao rico; miserável, ao misericordioso: que eu não volte sem nada e desprezado. E “se suspiro antes de comer”¹¹, concede ao menos que eu coma depois dos suspiros. Ó Senhor, curvado, não posso senão olhar para baixo; levanta-me para que possa tender para o alto. “As minhas iniquidades subiram mais alto que a minha cabeça”, envolvem-me e sobrecarregam-me “como pesado fardo”¹². Liberta-me, descarrega-me, “para que o sorvedouro delas não aperte a sua boca sobre mim”¹³. Seja-me permitido levantar os olhos para a tua luz, pelo menos de longe, pelo menos das profundezas <do abismo>. Ensina-me a procurar-te e mostra-te àquele que te procura, porque não te posso procurar se tu não me ensinas, nem encontrar-te se não te mostras. Que te busque desejando e te deseje buscando. Que te encontre amando e te ame encontrando.

Confesso, Senhor, e te dou graças porque criastes em mim esta tua “imagem” para que, de ti lembrada¹⁴, pense em ti e te ame. Mas está tão corrompida pela acção dos vícios, tão ofuscada pelo fumo dos pecados, que não pode fazer aquilo para que foi feita se tu a não renovas e reformas. Não me atrevo, Senhor, a penetrar na tua altura <profundidade>, porque não lhe comparo, de modo nenhum, a minha inteligência. Mas desejo reconhecer um pouco a tua Verdade, que o meu coração crê e ama. Na verdade, não procuro antes compreender para crer, mas creio para compreender. Pois também creio nisto: “se não acreditar, não compreenderei”¹⁵.

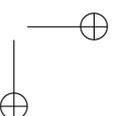
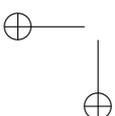
¹¹ Jó 3, 24

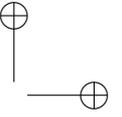
¹² Sl 37, 5

¹³ Sl 68, 16

¹⁴ Gn 1, 26

¹⁵ Is 7, 9





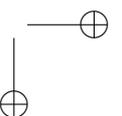
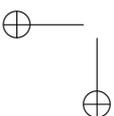
Capítulo II

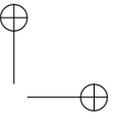
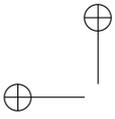
Que Deus existe verdadeiramente

Assim, pois, Senhor, tu que dás a inteligência da fé, dá-me, tanto quanto aches bem, que eu compreenda que tu existes como nós <o> acreditamos e que tu és o que nós acreditamos. Nós acreditamos, com efeito, que tu és “alguma coisa maior do que a qual nada pode ser pensado”. Será que não existe uma tal natureza, uma vez que o “insensato disse no seu coração: ‘Deus não existe’ ”?¹⁶ Mas certamente este mesmo insensato, quando ouve isto que eu digo – ‘alguma coisa maior do que a qual nada pode ser pensado’ –, compreende o que ouve, e o que ele compreende existe na sua inteligência, mesmo se ele não compreende que isso existe <na realidade>. Porque uma coisa é que certa realidade esteja no intelecto, outra é compreender que tal realidade existe. De facto, quando um pintor pensa antes o que vai fazer, tem na inteligência o que ainda não fez, mas de modo nenhum compreende que exista o que ainda não fez. Pelo contrário, quando já o pintou, tem na inteligência o que já fez e compreende que isso existe <na realidade>. Mesmo o insensato está, pois, convicto de que “alguma coisa maior do que a qual nada pode ser pensado” existe pelo menos no intelecto: porque ele compreende-o quando o ouve, e tudo o que é compreendido existe no intelecto.

Mas, sem dúvida, “aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado” não pode existir unicamente no intelecto. Se, na verdade, existe pelo menos no intelecto, pode pensar-se que exista também na realidade, o que é ser maior. Se pois “aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado” existe apenas no intelecto, então “aquilo mesmo maior do que o qual nada pode ser pensado” é “algo maior do que o qual algo pode ser pensado”. Mas isto, <como é evidente>, é claramente impossível. Existe, pois, sem a menor dúvida, “alguma coisa maior do que a qual nada pode ser pensado” tanto no intelecto como na realidade.

¹⁶ Sl 13, 1; 52, 1; Rm 3, 10-12





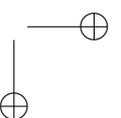
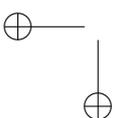
Capítulo III

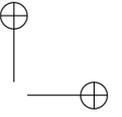
É impossível pensar que Deus não exista

Isto <que “alguma coisa maior do que a qual nada pode ser pensado” existe tanto no intelecto como na realidade>, em todo o caso, é tão verdadeiro que nem se pode pensar que não exista. Porque pode-se pensar que existe alguma coisa que não se pode pensar que não existe; o que é ser maior do que aquela que se pode pensar que não existe. Daí que, se se pode pensar que “alguma coisa maior do que a qual nada pode ser pensado” não existe, <então> aquilo mesmo “maior do que o qual nada pode ser pensado” não é “aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado”; o que não pode convir. Assim, pois, “alguma coisa maior do que a qual nada pode ser pensado” existe tão verdadeiramente que não se pode pensar que não existe.

E este ser és tu, Senhor, nosso Deus. Pois tão verdadeiramente existes, Senhor Deus meu, que nem se pode pensar que tu não existes. E justamente. Se qualquer mente pudesse pensar alguma coisa melhor do que tu, a criatura elevar-se-ia acima do Criador, julgaria do Criador, o que é completamente absurdo. E de tudo o que é qualquer outra coisa, excepto tu, pode pensar-se que não existe. Vejo pois que, de entre todas as coisas, só tu tens veríssima e maximamente o ser : porque tudo o que é outro <que não tu> não é tão verdadeiramente e tem, como tal, menos ser. Então por que é que “o insensato disse no seu coração: ‘Deus não existe’ ”¹⁷, quando é tão evidente para uma mente racional que, entre todas as coisas, tu tens maximamente o ser? Porquê, senão porque é estulto e insensato?

¹⁷ SI 13, 1



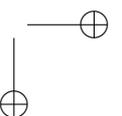
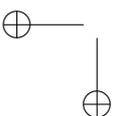


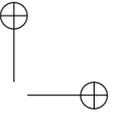
Capítulo IV

Como o insensato disse no seu coração aquilo que não pode ser pensado

Mas como disse no seu coração aquilo que não pôde pensar, ou como não pôde pensar aquilo que disse no seu coração, quando é a mesma coisa dizer no coração e pensar? Verdadeiramente – e tanto mais verdadeiramente porque o pensou, tendo-o dito no seu coração; e não o tendo dito no seu coração, não o pensou – não é apenas de uma única maneira que se diz algo no coração ou se pensa alguma coisa. Com efeito, de uma maneira diferente é pensada uma coisa quando se diz a palavra que a significa; de outro modo diferente quando é compreendido aquilo mesmo que a coisa é. Da primeira pode pensar-se que Deus não existe, mas da segunda de modo nenhum <se pode pensar que Deus não existe>. Ninguém pode, seguramente, compreendendo o que Deus é, pensar que ele não existe, ainda que possa dizer estas palavras no coração sem nenhuma significação ou com qualquer estranha significação. Com efeito, Deus é “aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado”. E quem compreende isto convenientemente, em qualquer caso, compreende que isto mesmo existe de tal maneira que não pode, mesmo para o pensamento, não existir. Quem, pois, compreende que Deus assim existe, não pode pensar que ele não existe.

Graças te dou, bom Senhor, graças te dou, porque o que primeiro acreditei pelo teu dom, o compreendo agora pela tua iluminação, de tal maneira que, mesmo se não quisesse acreditar que tu existes, não poderia deixar de o compreender.





Capítulo V

Deus é o que é melhor ser que não-ser; existindo por si só, fez todas as coisas do nada

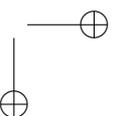
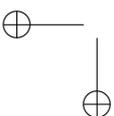
Que és portanto, Senhor Deus, <tal> que nada de maior possa ser pensado? Mas quem és tu, senão a suma realidade sobre todas as coisas e, existindo unicamente por si mesma, fez todas as outras coisas do nada? Na verdade, aquilo que não é assim é algo menor do que pode ser pensado. Mas isto não se pode pensar de ti. Pois que bem falta ao sumo bem, pelo qual existe tudo o que é bom? Assim tu és justo, verídico, feliz e tudo aquilo que é melhor ser do que não-ser. Porque é melhor ser justo que não-justo, feliz que não-feliz.

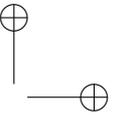
Capítulo VI

Como é sensível <senciente>, ainda que não seja corpo

Mas uma vez que é melhor ser sensível, onnipotente, misericordioso, impassível, do que não o ser, de que modo és sensível se não és um corpo?, ou onnipotente se não podes todas as coisas?, ou misericordioso e simultaneamente impassível? De facto, se só as coisas corporais são sensíveis, reportando-se os sentidos ao corpo e estando no corpo, de que modo és tu senciente <*es sensibilis*>, quando não és corpo, mas sumo espírito, o qual é melhor que o corpo?

Mas, se sentir não é senão conhecer ou <apenas estar em ordem> ao conhecimento – quem sente, com efeito, conhece segundo a propriedade dos sentidos, como por exemplo, a cor pela vista, os sabores pelo gosto – diz-se sem inconveniente que <quem sente>, sente de algum modo tudo o que conhece <também> de algum modo. Assim, Senhor, se bem que não sejas corpo, és, contudo, vera e sumamente senciente <*sensibilis*>, do modo mesmo como conheces sumamente todas as coisas, e não da maneira como também o animal conhece pelo sentido corpóreo.



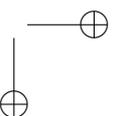
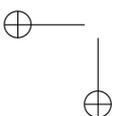


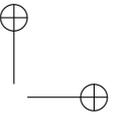
Capítulo VII

Como Deus é onnipotente se bem que não possa fazer muitas coisas

Mas como és tu onnipotente se não podes todas as coisas? Ou então: se não podes ser corrompido, nem mentir, nem fazer com que o verdadeiro seja falso, tal que <por exemplo> o que foi feito não tenha sido feito, e muitas outras coisas semelhantes, como podes tu todas as coisas?

Será que poder estas coisas não é potência, mas impotência? Quem as pode, com efeito, pode aquilo que não deve e que não é bom para si. Quanto mais ele as pode <fazer>, mais a adversidade e a perversidade têm poder sobre ele, e menos pode ele próprio contra elas. Assim, quem pode deste modo, não pode por potência, mas por impotência. Verdadeiramente, não se diz que ele pode porque possa por si mesmo, mas porque a sua impotência faz com que outra coisa possa sobre ele; ou então é qualquer outro género de falar, do mesmo modo que são ditas impropriamente muitas coisas. Por exemplo, nós colocamos “ser” em lugar de “não ser” e “fazer” em lugar de “não fazer”, ou de “nada fazer”. Porque muitas vezes dizemos àquele que nega que certa coisa exista: “é, de facto, como dizes ser”. Quando pareceria ser mais apropriado dizer: “não é, de facto, como dizes não ser”. De igual modo, dizemos: “este aqui está sentado tal como o está aquele”, ou: “este descansa tal como o faz aquele”; quando o estar sentado é uma certa forma de “não fazer”, e descansar <é uma certa forma> de “nada fazer”. Assim, quando se diz de alguém: ele tem a potência de fazer ou de sofrer o que não deve, ou o que não é bom para si, por <essa> potência entendemos: impotência. Pois que, quanto mais tem tal potência, tanto mais a adversidade e a perversidade são potentes sobre ele, e tanto mais é ele impotente contra elas. Assim, pois, Senhor Deus, tanto mais és verdadeiramente onnipotente, quanto não podes nada por impotência e nada pode contra ti.





Capítulo VIII

Como Deus é misericordioso e impassível

Mas de que modo és tu misericordioso e impassível simultaneamente? Porque se és impassível não te compadeces. Se não te compadeces, o teu coração não sofre de compaixão para com o infeliz, o que significa ser misericordioso. E se não és misericordioso, donde vem ao infeliz tal consolação?

De que modo, pois, és e não és misericordioso, Senhor, senão porque és misericordioso segundo nós <*secundum nos*> e não o és segundo ti <*secundum te*>?¹⁸. Seguramente tu és misericordioso segundo o nosso sentir, mas não o és segundo o teu. Quando olhas para nós, nós que somos infelizes, sentimos o efeito da tua misericórdia, <mas> tu não sentes a afecção. És pois misericordioso porque salvas os infelizes e perdoas aos teus pecadores. Não és misericordioso porque não és afectado por nenhuma compaixão para com o infeliz.

Capítulo IX

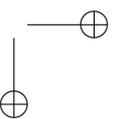
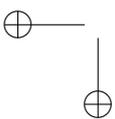
Como o inteiramente e sumamente justo perdoa os maus

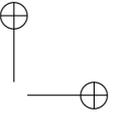
Mas como, em verdade, perdoas aos maus se és inteiramente e sumamente justo? Como o inteiramente e sumamente justo faz alguma coisa que não é justa? Ou que justiça é esta de dar a vida eterna a quem merece a morte eterna? De onde vem, pois, bom Deus, bom para os bons e maus¹⁹, de onde vem que salves os maus se isso não é justo e se tu nada fazes que não seja justo?

Porque a tua bondade é incompreensível, estará isto escondido na

¹⁸ Nota-se nestas expressões a presença do método teológico de Dionísio, o Pseudo-Areopagita: *Teologia Afirmativa* ou *Catafática*, *Teologia Negativa* ou *Apo-fática*, *Teologia Superlativa* ou *Mística*

¹⁹ Mt 5, 44-45

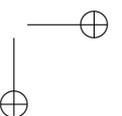
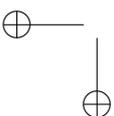


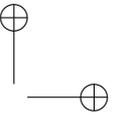


luz inacessível que tu habitas?²⁰ Verdadeiramente, no altíssimo e secretíssimo da tua bondade está escondida a fonte donde mana o rio da tua misericórdia. Pois ainda que sejas inteiramente e sumamente justo, és, contudo, benevolente mesmo para com os maus, e isto porque és inteiramente e sumamente bom. Serias menos bom se não fosses benevolente para com nenhum mau. Com efeito, quem é bom para com os bons e os maus é melhor do que aquele que é somente bom para com os bons. E quem é bom punindo e perdoando os maus é melhor do que aquele que o é apenas punindo. És, pois, misericordioso, porque és todo e sumamente bom. Mas se se vê talvez por que razão retribuis aos bons com bens e aos maus com males, devemos certa e profundamente admirar por que razão concedes bens aos teus réus e maus, tu que és inteiramente justo e não necessitas de nada. Que altíssima a tua bondade, ó Deus! Vemos de onde brota a tua misericórdia, mas aí não penetramos. Vislumbramos de onde jorra o rio, mas não se vê claramente a fonte de onde ele nasce. Porque pertence à plenitude da tua bondade que sejas clemente para com os pecadores, mas a razão pela qual és clemente está escondida na profundidade da tua bondade. Que na tua bondade retribuas com bens os bons e com males os maus, é o que parece postular a razão da justiça. Ora quando concedes bens aos maus, sabemos que o sumamente Bom o quis fazer, mas admirável é porque é que o sumamente Justo pôde querê-lo.

Ó misericórdia!
De que opulenta doçura
e de que doce opulência jorras para nós!
Ó imensidão da bondade de Deus,
com que afecto deves ser amado pelos pecadores!
Salvas os justos que a justiça acompanha,
libertas aqueles que, ao invés, a justiça condena.
Aqueles com a ajuda dos seus méritos,
estes ao arrepio dos seus deméritos;
aqueles reconhecendo os bens que lhes deste,

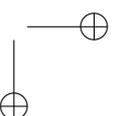
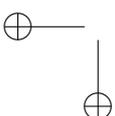
²⁰ 1 Tm 6, 16

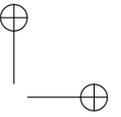




estes ignorando os males que detestas.
Ó imensa bondade que excedes assim toda a inteligência,
que venha sobre mim esta misericórdia
que com tanta opulência procede de ti!
Que em mim se derrame o que de ti dimana.
Por demência perdoa-me,
a fim de não ser castigado pela justiça.
Porque, mesmo se é difícil reconhecer
como a tua misericórdia não está ausente da tua justiça,
é todavia necessário acreditar
que nunca o que transborda da tua bondade,
a qual não existe sem a justiça,
tem como adversário a tua justiça,
mas antes verdadeiramente coincide com ela.
Se és misericordioso é porque és sumamente bom,
e se és sumamente bom sendo sumamente justo,
és verdadeiramente misericordioso
pela mesma razão que és sumamente justo.
Ajuda-me, ó Deus justo e misericordioso, cuja luz procuro,
ajuda-me a reconhecer o que digo:
és verdadeiramente misericordioso porque és justo.

Não nasce a tua misericórdia da tua justiça? Não perdoas tu aos maus por justiça? Se é assim, ó Senhor, se assim é ensina-me como. Não será porque é justo que tu sejas tão bom que não te possamos compreender <ainda> melhor, e que operes tão portentosamente que não te possamos pensar <ainda> mais poderoso? Verdadeiramente, que há de mais justo? Seguramente, isto não aconteceria se tu fosses bom retribuindo apenas e não perdoadando, e se fizesses os bons a partir unicamente dos não-bons e não a partir dos maus também. É assim justo que perdoes os maus e faças os bons a partir dos maus. O que de nenhum modo se faz justamente não se deve fazer, e o que não se deve fazer faz-se injustamente. Se tu, pois, injustamente fazes misericórdia aos maus, não deves fazer misericórdia. E se não deves fazer misericórdia,





és misericordioso injustamente. O que é tão ímpio de dizer, que é pio crer que justamente és misericordioso para com os maus.

Capítulo X

Como Deus justamente pune e justamente perdoa os maus

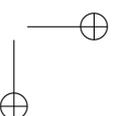
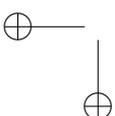
Mas é também justo que punas os maus. Que há de mais justo: que os bons recebam os bens e os maus os males? Como é então justo que punas os maus e justo que os perdoes?

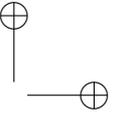
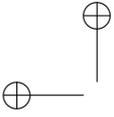
Será que de um certo modo punes justamente os maus e de outro justamente os perdoas? Quando punes os maus, é justo porque está de acordo com os seus méritos; quando, ao invés, os perdoas, é justo porque é digno não dos seus méritos mas da tua bondade. Porque, perdoando os maus, és justo segundo ti <próprio> <*secundum te*> e não segundo nós <*secundum nos*>, tal como és misericordioso segundo nós e não segundo ti <próprio>. Assim como, salvando-nos, a nós que justamente condenarias, és misericordioso, não porque fiques afectado, mas porque nós sentimos afecto, assim és justo não porque nos retribuas algo devido, mas porque fazes o que é digno de ti, tu que és sumamente bom. Deste modo, é sem contradição que justamente os punes e justamente os perdoas.

Capítulo XI

Como todas as vias do Senhor são misericórdia e verdade e como o Senhor é justo em todos os seus caminhos

Mas não é justo também segundo ti <próprio>, Senhor, que punas os maus? Seguramente, é justo que sejas tão justo que não te possamos pensar mais justo. E não o serias nunca se apenas retribuíssees bens aos





bons, sem <retribuíres> males aos maus. Quem retribui os méritos dos bons e dos maus é, efectivamente, mais justo do que aquele que retribui apenas os méritos dos bons. É, assim, justo segundo ti <próprio>, ó Deus justo e benevolente, que punas e que perdoes. Sim, verdadeiramente, “todas os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade” e, todavia, “o Senhor é justo em todos os seus caminhos”²¹. E de modo nenhum há contradição: aqueles que queres punir não é justo que sejam salvos, e aqueles que queres perdoar não é justo que sejam condenados. Justo é unicamente o que tu queres, e não-justo o que tu não queres. Assim a misericórdia nasce da tua justiça, porque é justo que sejas tão bom, que o sejas também perdoando. E é talvez por causa disto que o sumamente justo pode querer os bens para os maus. Mas se de algum modo é possível captar a razão de queres salvar os maus, não há certamente nenhuma razão que possa fazer compreender porquê, entre maus semelhantes, pela tua suma bondade salves uns em vez de outros, nem porquê condenes pela tua suma justiça estes em vez daqueles.

Assim, pois, és verdadeiramente senciente <*sensibilis*>, onnipotente, misericordioso e impassível, do mesmo modo que és vivente, sapiente, bom, feliz, eterno e tudo aquilo que é melhor ser do que não ser.

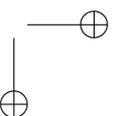
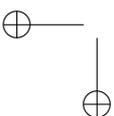
Capítulo XII

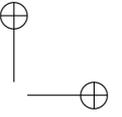
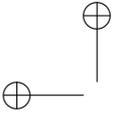
Que Deus é a própria vida, pela qual vive, e deste mesmo modo [em atributos] semelhantes

Mas certamente tudo o que és, não o és por outra coisa, que não por ti mesmo. És, pois, a própria vida pela qual vives, a sabedoria pela qual és sapiente, a própria bondade pela qual és bom para os bons e os maus²²; e de igual modo nas coisas semelhantes.

²¹ Sl 24, 10; 144, 17

²² Mt 5, 45



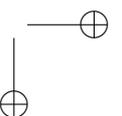
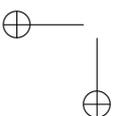


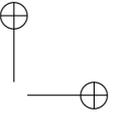
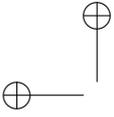
Capítulo XIII

Como só Deus é incircunscrito e eterno, <mesmo> quando os outros espíritos são incircunscritos e eternos

Mas tudo o que está enclausurado pelo lugar ou pelo tempo é menor do que aquilo que nenhuma lei de lugar ou de tempo constrange. Desde logo, uma vez que nada é maior do que tu, nenhum lugar ou tempo te limita, mas existes sempre e em toda a parte. E porque apenas de ti o podemos dizer, tu só és incircunscrito e eterno. Como pode ser dito, então, que também outros espíritos são incircunscritos e eternos?

Em verdade, só tu és eterno, porque único entre todos os seres, e assim como não comesças a ser, também não deixas de ser. Mas como és tu o único incircunscrito? Porventura, é o espírito criado circunscrito em relação a ti e incircunscrito em relação ao corpo? É totalmente circunscrito aquilo que, quando está todo em algum lugar, não pode simultaneamente estar noutra parte. O que é claramente reconhecido apenas nas coisas corporais. É incircunscrito, ao invés, o que se encontra todo ao mesmo tempo em toda a parte. O que só se compreende de ti. É, porém, circunscrito e incircunscrito, simultaneamente, aquilo que, quando está todo num lugar qualquer, pode estar todo ao mesmo tempo noutra parte, mas não em toda a parte. O que é reconhecido nos espíritos criados. Se, com efeito, a alma não estivesse toda ela em cada parte do seu corpo, <então> não sentiria toda ela em cada parte. Tu, pois, Senhor, és incircunscrito e eterno numa maneira singularíssima, e, contudo, os outros espíritos também são incircunscritos e eternos.



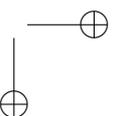
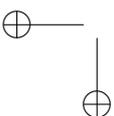


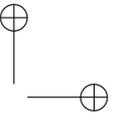
Capítulo XIV

Como e porquê Deus é visto e não visto por aqueles que o buscam

Encontraste, ó minha alma, o que buscavas?
Buscavas Deus e encontraste
que ele é a suma realidade entre todas as coisas,
melhor do que a qual nada pode ser pensado;
<encontraste> que essa realidade é a vida mesma,
a luz, a sabedoria, a bondade,
a eterna beatitude e a bem-aventurada eternidade;
<encontraste> que ela existe sempre e em toda a parte.
Pois se não encontraste o teu Deus,
de que modo é ele isso que encontraste
e reconheceste sobre ele com verdade tão certa
e tão verdadeira certeza?
Se, ao invés, encontraste, que é que há para que não sintas
o que encontraste?
Porque não te sente a minha alma,
ó meu Deus, se te encontrou?
Por acaso não encontrou ela
aquele que achou ser a luz e a verdade?
De que modo compreendeu tal,
senão vendo a luz e a verdade?
Ou pôde ela reconhecer inteiramente alguma coisa de ti
de outro modo sem ser pela tua luz e verdade?
Pois se viu a luz e a verdade, viu-te a ti.
Se não te viu a ti, não viu a luz nem a verdade.
<Ou> será que o que viu é luz e verdade
sem, todavia, te ter ainda visto,
porque te viu de algum modo,
mas não te “viu tal como tu és”?²³

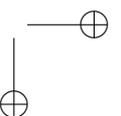
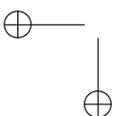
²³ 1 Jo 3, 2

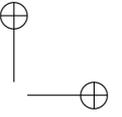




Senhor, meu Deus, meu formador e meu reformador,
diz à minha alma desejosa o que mais és,
para lá do que ela viu,
a fim de que veja puramente o que deseja.
Tensa está ela para ver mais e, para lá daquilo que viu,
nada vê a não ser trevas: ou, ao invés, não vê as trevas,
porque em ti não há quaisquer trevas²⁴,
mas vê que não pode ver mais,
por causa das suas próprias trevas.
Porquê isto, Senhor, porquê isto?
O seu olho está cheio de trevas pela sua enfermidade
ou cego pelo teu fulgor?
Certamente está cheio de trevas por si e cego por ti.
De qualquer modo, é obscurecido pela sua brevidade
e esmagado pela tua imensidão.
É verdadeiramente apertado pela sua estreiteza
e vencido pela tua amplitude.
Quão grande é, efectivamente, esta luz
donde jorra toda a verdade que alumia a mente racional!
Quão ampla é esta verdade,
na qual está tudo o que de verdadeiro existe
e fora dela apenas o falso e o nada!
Quão imensa é <essa verdade> que, num único olhar,
vê todas as coisas que foram feitas,
por quem, mediante quem e de que modo
foram elas feitas do nada!
Que pureza, que simplicidade, que certeza
e que esplendor aí existe!
Certamente <muito> mais do que a criatura
é capaz de compreender.

²⁴ 1 Jo 1, 5





Capítulo XV

Que Deus é maior do que aquilo que pode ser pensado

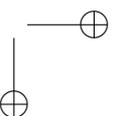
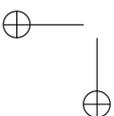
Por conseguinte, Senhor, não só és aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado, mas és algo maior do que aquilo que pode ser pensado. Porque, com efeito, é possível pensar que existe qualquer coisa deste género: e se tu não és isto mesmo, é possível pensar algo maior que tu – o que não se pode fazer.

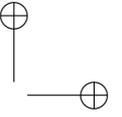
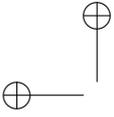
Capítulo XVI

Que tal é a luz inacessível em que Deus habita

Tal é, verdadeiramente, Senhor,
a luz inacessível na qual habitas²⁵.
Não existe, verdadeiramente, nenhuma outra coisa
que a penetre, para aí te ver plenamente.
Em verdade, não a vejo,
porque ela é demasiado forte para mim.
E, porém, tudo o que vejo é por ela que o vejo,
tal como olho doente vê o que vê pela luz do sol,
que, no próprio sol, não pode ver.
O meu intelecto não tem capacidade para ela.
Brilha intensamente e o olho da minha alma não a capta,
nem suporta estar muito tempo fixo nela.
Fica cego pelo fulgor, vencido pela grandeza,
sufocado pela imensidão, confundido pela capacidade.
Ó suprema e inacessível luz,
ó total e bem-aventurada verdade,
quão longe estás de mim,

²⁵ 1 Tm 6, 16





<eu> que tão próximo estou de ti!
Quão longínqua estás do meu olhar,
<eu> que tão presente estou ao teu olhar!
Estás toda presente em toda a parte e não te vejo.
Em ti me movo e em ti existo²⁶
e não consigo aproximar-me de ti.
Estás dentro de mim,
envolves-me todo e não te sinto.

Capítulo XVII

Que, do modo inefável que é o seu, existe em Deus a harmonia, o perfume, o sabor, a suavidade e a beleza

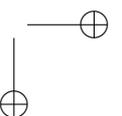
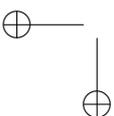
Ainda te escondes à minha alma, Senhor, na tua luz e beatitude, e por esta razão, vive ela ainda nas suas trevas e miséria. De todos os lados ela olha e não vê a tua beleza. Escuta e não ouve a tua harmonia. Aspira e não cheira o teu perfume. Saboreia e não conhece o teu sabor. Tacteia e não sente a tua suavidade. Na verdade, Senhor Deus, tens estas coisas em ti segundo o teu modo inefável, tu que as dás às criaturas segundo o modo sensível. Mas empedernidos e insensíveis e tapados pela vetusta enfermidade do pecado ficaram os sentidos da minha alma.

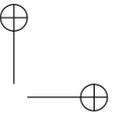
Capítulo XVIII

Que não há partes em Deus nem na sua eternidade, a qual é ele próprio

E de novo eis a perturbação, eis de novo a aflição e o luto que vêm ao encontro de quem procura o regozijo e a alegria! Minha alma esperava já a saciedade e ei-la de novo afogada pela indigência! Ambicionava já

²⁶ At 17, 28





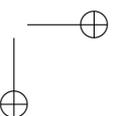
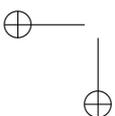
alimentar-se e eis que começo por ter ainda mais fome! Esforçava-me por alcançar a luz de Deus e recaí nas minhas trevas. Ou antes, não somente caí nelas, mas ainda por elas me sinto envolto. Caí <mesmo> “antes que minha mãe me concebesse”²⁷. Certamente, “nelas fui concebido e nelas envolto nasci. Certamente, todos caímos outrora naquele em que todos pecámos”²⁸. Nele – que facilmente tinha e deploravelmente perdeu, para ele e para nós –, perdemos tudo: <aquilo> que não conhecemos <agora> quando o queremos procurar; <aquilo> que não encontramos quando o procuramos, e aquilo que, quando encontramos, não é o que procuramos. Ajuda-me, Senhor, “pela tua bondade. Procurei o teu rosto, o teu rosto Senhor, eu procuro; não desvies de mim a tua face”²⁹. De mim, reeleva-me para ti. Purifica, cura, aguça, “ilumina”³⁰ o olho da minha mente para que te veja. Que a minha alma junte as suas forças e, com toda a sua inteligência, se vire de novo para ti, Senhor. Que és tu, Senhor, que és tu <para> que o meu coração o reconheça em ti? Verdadeiramente, és a vida, a sabedoria, a verdade, a bondade, a felicidade, a eternidade, e todo o bem verdadeiro tu o és. Numerosos são estes <bens> e a minha estreita inteligência não é capaz de os ver em conjunto, num único olhar, para se deleitar em todos ao mesmo tempo. De que modo, Senhor, és todos estes bens? São eles partes de ti ou antes cada um deles é tudo o que tu és? Porque tudo o que é formado de partes não é totalmente uno, mas, de algum modo, muitas coisas, e diverso de si mesmo; e um acto ou uma inteligência podem dissolvê-lo. Coisas que te são alheias, <tu, que és aquilo> melhor do que o qual nada pode ser pensado. Não há, pois, em ti, partes nenhuma, Senhor, e não és muitas coisas, mas de tal modo algo uno, o mesmo que ti próprio, que em nada és dissemelhante de ti próprio. Mais ainda, tu és a própria unidade que nenhuma inteligência pode dividir. Assim, nem a vida, nem a sabedoria, nem os outros bens são partes de ti, mas todos são um só e cada um é tudo o que tu és e é tudo o que são todos os

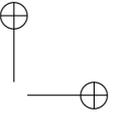
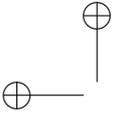
²⁷ SI 50, 7

²⁸ Rm 5, 121

²⁹ SI 24, 7; 26, 8.9

³⁰ SI 12, 4.11- -12





outros. Por conseguinte, uma vez que não tens partes, e nenhuma parte tem a eternidade que tu és, nunca e em nenhum lugar há partes em ti, nem na tua eternidade, mas estás todo em toda parte e a tua eternidade existe sempre toda.

Capítulo XIX

Que Deus não está em lugar ou tempo, mas que todas as coisas estão n'ele

Mas, se pela tua eternidade foste e és e serás, e se ter-sido não é de modo nenhum vir-a-ser, nem <de modo nenhum> ser é ter-sido ou vir-a-ser, de que modo a tua eternidade existe sempre toda?

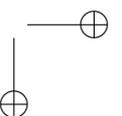
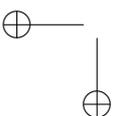
Porventura, da tua eternidade não terá passado nada de modo que não exista mais, nem nada será futuro de forma que ainda não exista? Não exististe, pois, ontem nem existirás amanhã, mas existes ontem, hoje e amanhã. Ou antes, não existes nem ontem, nem hoje, nem amanhã, mas simplesmente existes, fora de todo o tempo. Pois ontem, hoje e amanhã não existem em nenhum lugar senão no tempo. Tu, porém, se bem que nada exista sem ti, não estás em lugar ou tempo, mas todas as coisas existem em ti. Nada te contém, mas tu contém todas as coisas.

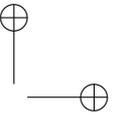
Capítulo XX

Que Deus é anterior e posterior a todas as coisas, mesmo às eternas

Tu, portanto, enches e abranges todas as coisas; existes antes e depois de todas as coisas. Com efeito, existes antes de todas as coisas, pois que antes que elas fossem feitas tu existes³¹. Mas como existes depois de todas as coisas? De que maneira existes tu depois daquelas que não terão nenhum fim? Será que elas de modo nenhum podem existir sem

³¹ SI 89, 2

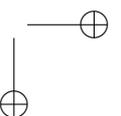
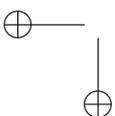


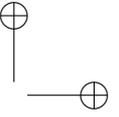


ti, enquanto tu de nenhum modo és menor, mesmo se elas retornarem ao nada? De certa maneira, tu existes deste modo depois delas. Será que é ainda possível pensar que elas terão fim, enquanto de ti nunca <tal se pode pensar>? Deste modo têm elas, de uma certa maneira, um fim, mas tu de modo nenhum. E, certamente, aquilo que de modo nenhum tem fim existe depois daquilo que é, de certo modo, finito. Ou será, enfim, que tu vais além de todas as coisas, mesmo as eternas, porque <tanto> a tua eternidade como a delas te são inteiramente presentes, enquanto elas ainda não têm da sua eternidade o que há-de vir, assim como já não têm o que passou? Deste modo, verdadeiramente, existes sempre depois delas, pois aí existes sempre presente, ou seja, é sempre presente para ti aquilo a que elas ainda não chegaram.

Capítulo XXI **Que isto seja “o século do século”** **ou “os séculos dos séculos”**

É isto o “século do século” <*saeculum saeculi*> ou os “séculos dos séculos” <*saecula saeculorum*>? Do mesmo modo que o século dos tempos contém todas as coisas temporais, assim a tua eternidade contém até os próprios séculos dos tempos. Em verdade é ela o século <*saeculum*> em virtude da sua indivisível unidade, e os séculos <*saecula*>, ao invés, em virtude da sua interminável imensidade. E, ainda que tão grande sejas, Senhor, <de tal modo> que todas as coisas estejam cheias de ti e em ti, tu, todavia, existes sem o menor espaço, de sorte que em ti não existe nem meio, nem metade, nem parte.





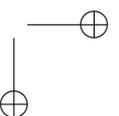
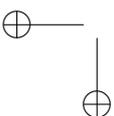
Capítulo XXII

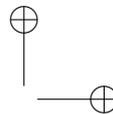
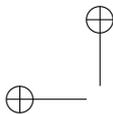
Que só Deus é aquilo que é e Aquele que é

Tu só, Senhor, és pois aquilo que és, e tu só és Aquele que é³². Pois aquilo que é uma coisa no todo, uma outra nas partes, e na qual alguma coisa é mutável, <essa coisa> não é absolutamente o que é. E aquilo que começou do não-ser, e que podemos pensar que não é, e que retoma ao não-ser se não subsiste através de outra coisa; e aquilo que tem *ter-sido* o que já não é, e <tem> um *vir-a-ser* o que ainda não é: isso, própria e absolutamente <falando>, não é. Tu, pelo contrário, és o que és porque tudo aquilo que em certas ocasiões e de certas maneiras és, isso tu o és todo e sempre.

E tu és aquele que és, própria e simplesmente <falando>, porque não tens *ter-sido* nem *haver-de-ser*, mas és unicamente presente, e nem se pode pensar que às vezes não sejas. Tu és a vida e a luz e a sabedoria e a felicidade e a eternidade e muitos bens desta índole. E, todavia, não és senão o bem único e supremo, tu que te bastas plenamente a ti mesmo, de nada indigente, do qual todas as coisas têm necessidade para existirem e bem-existirem.

³² Ex 3, 14: “Ego sum qui sum”, “Eu sou aquele que sou” – Nome da Imutabilidade (*nomen immutabilitatis*) revelado a Moisés, no Monte Sinai e quase intraduzível, pois sugere uma *repetitio aeternitatis ia aeternitate* que Santo Anselmo reconhece na confissão trinitária.

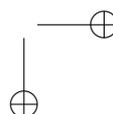
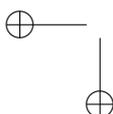


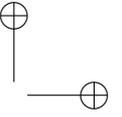


Capítulo XXIII
Que este bem são-no igualmente
Pai, Filho e Espírito Santo;
que este é o único bem necessário,
completo, total e único

Este bem, tu o és, Deus Pai; é-o o teu Verbo, isto é, o teu Filho. Com efeito, no Verbo, pelo qual tu próprio te dizes, nada de outro do que tu és pode aí haver, nem nada de maior ou menor que tu; porque o teu Verbo é verdadeiro como tu és veraz, por consequência, é a mesma Verdade, como tu, e não outra diferente de ti; e tu és tão simples que de ti não pode nascer outra coisa diferente do que tu és. Este mesmo <bem> é o Amor único, comum a ti e ao teu Filho, isto é, o Espírito Santo que procede de ambos. Porque o próprio Amor não é desigual nem a ti nem ao teu Filho, pois que tu amas-te e ama-lo, ele ama-te e ama-se a si mesmo, na medida em que tu és e ele é; ele <o Espírito Santo> não é outra coisa diferente de ti ou d'ele <Verbo>, ele que não é dissemelhante de ti ou d'ele: e da suprema simplicidade não pode proceder algo de diferente daquilo que é aquilo de que procede. Aquilo que cada um é singularmente, é-o simultaneamente toda a Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo; pois cada um singularmente não é outra coisa senão a unidade sumamente simples e a simplicidade sumamente una, aquela não pode ser multiplicada nem ser outra e outra coisa. <De resto> Uma só coisa é necessária³³. E este resto é aquele único necessário em que reside todo o bem, ou antes, é ele o bem total e uno e completo e único.

³³ Lc 10, 42





Capítulo XXIV

Conjectura:

qual é este bem e qual a sua grandeza

Agora, ó minha alma, desperta e eleva toda a tua inteligência, pensa, tanto quanto possas, qual é este bem e qual é a sua grandeza. Se, na verdade, cada um dos bens de per si é deleitável, pensa atentamente quão deleitável é aquele que contém o deleite de todos os bens; não aquele de que temos experiência nas coisas criadas, mas aquele que difere <tanto delas> quanto o Criador da criatura. Se, na verdade, a vida criada é boa, quanto <mais> o é a vida criadora! Se a salvação que <nos> foi feita é agradável, quanto <mais> o é a salvação que opera toda a salvação! Se a sapiência no conhecimento das coisas que foram fundadas é amável, quão <mais> amável é a sabedoria que do nada criou todas as coisas! Enfim, se tão numerosos e tão grandes são os deleites nas coisas deleitáveis, qual e quão grande é o deleite que existe naquele que fez as próprias coisas deleitáveis!

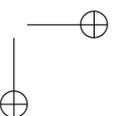
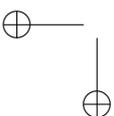
Capítulo XXV

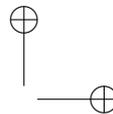
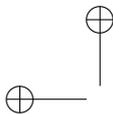
Quais e quão grandes bens

pertencem àqueles que dele fruem

Oh, quem fruirá este bem! O que haverá e não haverá para ele? Certamente terá tudo o que quiser, e não terá o que não quiser. Bem seguros estarão aí os bens do corpo e da alma, os quais “nem olho viu nem ouvido ouviu, nem o coração do homem” pensou.³⁴ Então porquê vagabundeias tu por tantos caminhos, ó homenzinho, buscando os bens da tua alma e do teu corpo? Ama o único bem no qual estão todos os bens: isto basta! Deseja o bem simples, que é todo o bem: é o bastante. Pois que amas tu, minha carne? Que desejas tu, minha alma? Nele existe tudo o que amais e desejas!, nele existe!

³⁴ 1 Cor 2, 9





Se a beleza <vos> deleita, “os justos resplandecerão como o sol”³⁵. Se é a velocidade ou a fortaleza ou a liberdade do corpo, a que nada pode obstar, “serão semelhantes aos anjos de Deus”, porque “semeia-se um corpo animal e ressuscitará um corpo espiritual”³⁶ pelo poder <de Deus>, seguramente, não pela natureza. Se é uma vida longa e sadia, nele existem a eternidade salutar e a eterna sanidade, porque “os justos viverão para sempre”³⁷ e “a salvação dos justos vem do Senhor”³⁸. Se é a saciedade, serão saciados “quando aparecer a glória” de Deus³⁹. Se é a embriaguez, “serão inebriados pela abundância da casa de Deus”⁴⁰. Se é a melodia, aí os coros dos anjos cantam sem fim a Deus. Se é alguma volúpia, não imunda mas pura, Deus “os dessedentará na corrente das suas delícias”⁴¹.

Se a sabedoria <vos deleita>, a própria sabedoria de Deus a si mesma se lhes mostrará. Se é a amizade, amarão Deus mais do que a si mesmos e amar-se-ão uns aos outros como se amam a si mesmos, e Deus amá-los-á mais do que eles a si próprios; porque amá-lo-ão e amar-se-ão a si mesmos e uns aos outros por ele; e ele amar-se-á e amá-los-á por si mesmo. Se é a concórdia, para eles haverá uma só vontade, porque nenhuma outra terão senão a vontade única de Deus. Se é o poder, terão a onipotência da sua vontade, <assim> como Deus <a tem> da sua. Pois tal como Deus poderá aquilo que quiser por si próprio, assim através dele poderão o que quiserem. Porque assim <como> não quererão outra coisa diferente do que ele quiser, assim <também> ele quererá tudo o que eles quiserem. E o que ele quiser não poderá não existir. Se é a honra e as riquezas, Deus estabelecerá os seus servos bons e fiéis sobre muitas coisas⁴², <e> acima de tudo, “serão chamados

³⁵ Mt 13, 43

³⁶ 1 Cor 15, 44

³⁷ Sb 5, 16

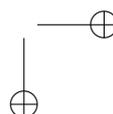
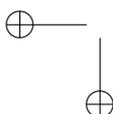
³⁸ Sl 36, 39

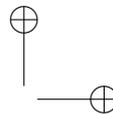
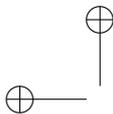
³⁹ Sl 16, 15

⁴⁰ Sl 35, 9

⁴¹ Sl 35, 9

⁴² Mt 25, 21.23





filhos de Deus”⁴³ e deuses serão’⁴⁴. E onde estiver o seu Filho, também eles aí estarão⁴⁵ “herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo”⁴⁶. Se é a verdadeira segurança, também verdadeiramente certos estarão de nunca, verdadeiramente nunca!, lhe faltarem estes bens, ou antes, este bem. Assim como certos estarão de que não o perderão por sua vontade, e de que Deus, que os ama, não lho retirará contra seu grado, nem algo mais poderoso que Deus os separará, a Deus e a eles, contra a sua vontade.

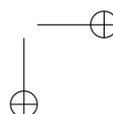
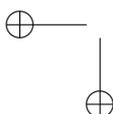
Mas qual e que imensa não é tal alegria, aí onde se encontra um tal e tão grande bem! Coração humano, coração indigente, coração experimentado por tormentos, – ou mais ainda: oprimido por tormentos –, quanto <não> rejubilarias se abundasses em todos esses <bens>!? Interroga o teu íntimo, <a ver> se és capaz de apreender a sua alegria <em virtude> de tanta felicidade própria. Mas certamente, se algum outro, a quem absolutamente amasses como a ti próprio, tivesse a mesma felicidade, duplicada seria a tua alegria, porque não te alegrarias menos por ele do que por ti próprio. E se dois, três ou muitos fruissem a mesma coisa, rejubilarias tanto por cada um como por ti próprio, se amasses cada um como a ti próprio. Assim, naquela perfeita caridade dos bem-aventurados e inumeráveis anjos e homens, onde ninguém amará menos o outro do que a si próprio, ninguém se alegrará de modo diferente pelos outros do que por si próprio. Por conseguinte, se o coração do homem com tanta dificuldade capta a alegria de um tão grande bem que é o seu, como será capaz de tantas e tão grandes alegrias? Certamente, <uma vez que> quanto mais um <ser> ama outro, tanto mais fica alegre pelo seu bem, assim, naquela perfeita felicidade, cada um amará Deus incomparavelmente mais do que a si próprio, e a todos os outros consigo e, como tal, alegrar-se-á incomparavelmente mais pela

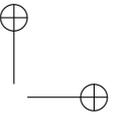
⁴³ Mt 5, 9

⁴⁴ Note-se a ideia de deificação (*theôsis / deificatio*) que, presente também na Sagrada Escritura, passa para a teologia cristã com um sentido diferente da filosofia plotiniana, uma vez que não há confusão de naturezas.

⁴⁵ Jo 17, 24

⁴⁶ Rm 8, 171





felicidade de Deus que pela sua e pela de todos os outros consigo. Mas se amam a Deus com todo o seu coração, com toda a sua mente e com toda a sua alma⁴⁷, de tal forma que, contudo, todo o seu coração, toda a sua mente e toda a sua alma de modo nenhum bastam para a dignidade do amor, assim, certamente, os perfeitos alegrar-se-ão com todo o seu coração, com toda a sua mente e com toda a sua alma, de tal forma que todo o seu coração, toda a sua mente e toda a sua alma não bastam para a plenitude da sua alegria.

Capítulo XXVI **É a “alegria plena”** **que o Senhor prometeu?**

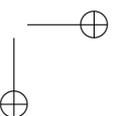
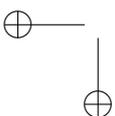
Meu Deus e meu Senhor,
minha esperança e a alegria do meu coração,
diz à minha alma se esta é a alegria
acerca da qual nos dizes pelo teu Filho:
“pedi e recebereis para que a vossa alegria seja plena”⁴⁸.
Pois encontrei certa alegria, plena e mais que plena.
Estando, na verdade, repleto o coração, repleta a mente,
repleta a alma, repleto todo o homem desta alegria,
ela ainda irá além de <todos estes> modos.
Não é, pois, toda esta alegria
que entrará naqueles que se alegram,
mas aqueles que se alegram entrarão todos na alegria’⁴⁹.
Diz, Senhor, diz ao teu servo, no íntimo do seu coração,
se tal é a alegria na qual entrarão os teus servos,
eles que “entrarão na alegria do seu Senhor”⁵⁰.

⁴⁷ Dt 6, 5; Mt 22, 37

⁴⁸ Jo 16, 24

⁴⁹ “Entrarão todos...”, no sentido que cada um entrará totalmente. O “todos” não é quantitativo, mas qualitativo: o homem todo entrará nessa alegria.

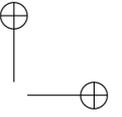
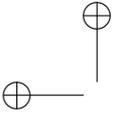
⁵⁰ Mt 25, 21



Mas, certamente, esta alegria em que se alegrarão os teus eleitos, nem “olho viu, nem ouvido escutou, nem ao coração do homem ascendeu”⁵¹.
Também ainda não disse ou pensei, Senhor, até que ponto se alegrarão esses teus bem-aventurados. Alegrar-se-ão tanto quanto amarem; amarão tanto quanto conhecerem. Até que ponto te conhecerão então, Senhor, até que ponto te amarão?
Certamente, “nem olho viu, nem ouvido ouviu, nem ao coração do homem ascendeu” nesta vida, até que ponto te conhecerão e te amarão, nessa vida. Peço<-te>, ó Deus, que te conheça e te ame para me alegrar em ti.
E se não o posso plenamente nesta vida que, pelo menos, progrida cada dia até que tudo alcance a plenitude.
Que aqui progrida em mim o teu conhecimento e que lá ele seja pleno.
Que cresça aqui o teu amor e que aí ele seja completo, para que aqui, em esperança, seja grande a minha alegria, e plena em realidade aí.
Senhor, pelo Teu Filho mandas-nos, ou melhor, aconselhas-nos, a pedir e prometes <que> receberemos, “para que a nossa alegria seja plena”⁵².
Peço<-te>, Senhor, que nos aconselhes pelo nosso admirável Conselheiro; que eu receba o que <nos> prometes pela tua verdade, “para que a minha alegria seja plena”.
Deus verdadeiro, peço<-te> para receber, e “para que a minha alegria seja completa”.
Que por enquanto a minha mente medite,

⁵¹ 1 Cor 2,9119

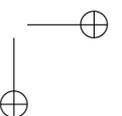
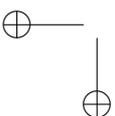
⁵² Jo 16, 24

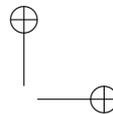
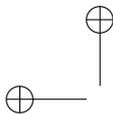


e esperando-a, desde logo se desate a minha língua!
Que o meu coração a ame e a minha boca a proclame!
Esteja faminta a minha alma, sequiosa a minha carne,
desejosa toda a minha substância,
até que entre “na alegria do meu Senhor⁵³,
que é” Deus Trino e Uno, “bendito pelos séculos,
Ámen”⁵⁴.

⁵³ Mt 25, 21

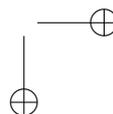
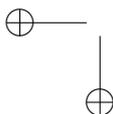
⁵⁴ Rm 1, 25

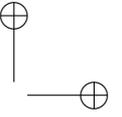
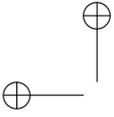




Conteúdo

Preâmbulo	7
I. Despertar do espírito...	8
II. Que Deus existe verdadeiramente	12
III. É impossível pensar que Deus não exista	13
IV. Como o insensato disse no seu coração...	14
V. Deus é o que é melhor ser que não-ser	15
VI. Como é sensível, ainda que não seja corpo	15
VII. Como Deus é onnipotente	16
VIII. Como Deus é misericordioso e impassível	17
IX. Como o inteiramente e sumamente justo...	17
X. Como Deus justamente pune...	20
XI. Como todas as vias do Senhor são misericórdia...	20
XII. Que Deus é a própria vida...	21
XIII. Como só Deus é incircunscrito e eterno...	22
XIV. Como e porquê Deus é visto e não visto...	23
XV. Que Deus é maior do que aquilo que pode ser pensado	25
XVI. Que tal é a luz inacessível em que Deus habita	25
XVII. Que existe em Deus a harmonia...	26
XVIII. Que não há partes em Deus...	26
XIX. Que Deus não está em lugar ou tempo...	28
XX. Que Deus é anterior e posterior...	28
XXI. Que isto seja “o século do século”...	29
XXII. Que só Deus é aquilo que é e Aquele que é	30
XXIII. Que este bem são-no Pai, Filho e Espírito Santo	31
XXIV. Conjectura: qual é este bem e qual a sua grandeza	32
XXV. Quais e quão grandes bens...	32
XXVI. É a “alegria plena” que o Senhor prometeu?	35





[Nota do Tradutor]

Esta tradução portuguesa do *Proslogion*, feita pela primeira vez em 1994, foi agora revista, corrigida e aperfeiçoada para a **LusoSofia – Biblioteca On-Line de Filosofia**.

O texto latino pode encontrar-se, por exemplo, nos seguintes electro-sítios:

- [THE LATIN LIBRARY](#)
- [Facultatea de Istorie si Filosofie – TEXTE SI TRADUCERI din Filosofia Antică si Medievală](#)

